



Título: **O conceito de belo e a argumentação sofisticada no *Hípias Maior* de Platão**

Aluno: **Renato Semaniuc Valvassori**

Registro Acadêmico: **205357**

Orientador: **Prof. Dr. Lucas Angioni**

Unicamp - Departamento de Filosofia

Sobre *Hípias Maior*

O *Hípias Maior* de Platão impõe-se como uma obra fundamental não apenas no âmbito da filosofia de Platão, mas também no âmbito da filosofia da estética como um todo. O diálogo consiste em uma sucessão articulada de tentativas de definir o que é o belo. Nenhuma dessas tentativas apresenta-se como satisfatória aos interlocutores que empreendem a discussão (Sócrates e Hípias), e a obra encerra-se, assim, em aporia, não se alcançando nenhuma definição satisfatória do objeto proposto à investigação.

Apesar desse aparente “fracasso” do diálogo, o *Hípias Maior*¹ configura-se como uma importante discussão de um dos problemas mais relevantes da história da estética, além de fornecer amplo material para a compreensão do método socrático de discussão. E, embora nenhum resultado estritamente positivo seja alcançado na busca pela definição do belo, o diálogo contribui apresentando possíveis caminhos a serem trilhados nessa busca.

O diálogo se estrutura da seguinte maneira: (i) *HM*, 281a-286e, preâmbulo no qual Sócrates e Hípias se encontram e começam a conversar sobre a arte de Hípias, a sofisticada; (ii) *HM*, 286e-287d: Sócrates pede a Hípias que lhe ensine “o que é o próprio belo [αὐτὸ τὸ καλὸν ὅτι ἐστὶ]”, (iii) 287d-304b: apresentação de sucessivas tentativas de se definir o belo - quatro oferecidas por Hípias e cinco oferecidas pelo próprio Sócrates; e (iv) *HM*, 304b-304e: final aporético do diálogo.

¹ Doravante, *HM*.

Após ser convencido por Sócrates de que o belo é algo, e de que é por meio dele que todas as coisas belas são belas (*HM*, 287b), Hípias oferece sua primeira tentativa de definição de belo, a saber, que “belo é uma bela jovem”. Trata-se de um caso típico na obra de Platão (vide *Mênon*, 71e-72b) em que o interlocutor de Sócrates não compreende a questão por ele levantada e, em vez de oferecer uma definição de belo – apresentando critérios necessários e suficientes para defini-lo –, apresenta um referente extensional do termo “belo”, isto é, um caso em que se pode identificar beleza.

A segunda tentativa de Hípias (*HM*, 289a) identifica o belo como sendo aquilo pelo qual todas as outras coisas, ao serem adornadas, se tornam belas – o ouro. Trata-se de uma tentativa de definição já mais interessante que a primeira, mas que, por desrespeitar o requisito extensional de toda definição, é logo refutada por Sócrates. Hípias prontamente concorda que a pedra e o marfim também são capazes de tornar as coisas belas – demonstrando que ouro e belo não são termos coextensionais –, e acrescenta: o fazem quando, para cada coisa, podem ser considerados apropriados. É desta concepção que surge a primeira tentativa de definição oferecida por Sócrates, mas antes de apresentá-la, considerarei a terceira tentativa de Hípias.

Hípias sugere então que o belo, sendo aquilo que “jamais aparecerá feio a ninguém de modo algum” (*HM*, 291b), deva ser “sendo rico, saudável, e honrado pelos Helenos tendo atingido a velhice e despachado belamente seus finados pais – ser enterrado de maneira bela e magnânima pelos próprios descendentes”. Neste ponto, além de contra-argumentar refutando Hípias, Sócrates expressa insatisfação por não estar se fazendo entendido por seu interlocutor, visto que nenhuma das tentativas por ele propostas estavam sequer chegando perto de conseguir explicitar “o que é a beleza em si mesma” (*HM*, 292c).

A partir de 293b, no entanto, Hípias deixa de oferecer novas tentativas (voltando a apresentar uma última no final do diálogo) e é Sócrates quem passa a sugerir possíveis definições do belo. Esse abandono do método socrático (*elenchus*), já notado por Vlastos (1983), é uma peculiaridade presente no *HM*. Sócrates, ao invés de se prestar apenas a analisar e refutar os argumentos de seu adversário – como ocorre na maior parte dos diálogos socráticos –, passa ele mesmo tanto a oferecer definições quanto a refutá-las.

As definições de belo oferecidas por Sócrates são, na ordem em que aparecem no diálogo, o “apropriado” (*HM*, 293b), o “útil” (*HM*, 295c), “o que é útil e tiver o poder de fazer algo bom” (*HM*, 296d), o “benéfico” (*idem*), e, por fim, “o que nos agrada à audição e à visão” (*HM*, 297e). Dentre todas essas tentativas, são dignas de especial atenção “o benéfico” e “o que nos agrada à audição e à visão”, pois nos argumentos a elas subsequentes é possível

identificar passagens em que Sócrates estaria praticando possíveis sofismas - mais especificamente a partir da construção de falácias que confundem meras predicções com asserções de identidade.

Por fim, a última tentativa de definição de belo apresentada no diálogo volta a ser de Hípias, que o define como “ser capaz de articular um argumento bem e belamente no tribunal (ou no conselho, ou em outra instância à qual o argumento seja dirigido) e, logrando persuasão, sair levando não os menores, mas os maiores prêmios – sua própria segurança, bem como a de seus bens e amigos” (*HM*, 304a). Trata-se de mais uma tentativa de definição que é incapaz de dizer o que é o belo em si, demonstrando que, mesmo após toda a discussão realizada, Hípias termina o diálogo ainda sem ser capaz de compreender precisamente a natureza da questão formulada por Sócrates.

Objetivos da pesquisa

O propósito desta iniciação científica foi o de iniciar o aluno em pesquisas na área de filosofia antiga e, complementarmente, filosofia analítica. Tendo como foco a obra *Hípias Maior* de Platão, a pesquisa teve por objetivo extrair do diálogo resultados interpretativos em duas frentes, sendo que a segunda foi a principal: (i) quanto à Estética, buscou-se analisar as noções estéticas que permeiam o diálogo e, principalmente, compreender o conceito de belo em comparação com o tratamento dado a ele em alguns ramos da filosofia contemporânea; (ii) quanto à Lógica, buscou-se reconstruir detidamente a estrutura dos argumentos oferecidos, dando especial atenção a problemas lógicos – não apenas os erros cometidos por Hípias (como apontado por Grube, 1929) mas também ao possível emprego de sofismas por Sócrates, sobretudo após definir o belo como “benéfico” e também após defini-lo como “aquilo que nos agrada à audição e à visão”.

Resultados da pesquisa

Durante a realização desta pesquisa, foi possível reconstruir detidamente cada um dos argumentos apresentados no diálogo *Hípias Maior* de Platão. Por meio dessas reconstruções foi possível observar quais tipos de inferências foram utilizadas pelos interlocutores e em que tipo de erros estavam baseadas as falácias por eles realizadas. Observei também como podemos extrair dos argumentos de Sócrates alguns pressupostos metafísicos de Platão e o tipo de concepção da estética por ele defendida.

Observei também como o conceito de *belo* pode ser entendido no diálogo *Hípias Maior* tendo por parâmetro outras obras de Platão tais como *Banquete* e *Górgias*. Busquei igualmente analisar como o conceito de belo tem sido tratado contemporaneamente em ramos da filosofia analítica. Pude observar que especialmente após o período do positivismo lógico esse tipo de investigação em estética foi perdendo gradativamente a atenção de filósofos, tendo esse interesse voltado a crescer mais recentemente.